

Ambiguidade e ironia em Lygia Fagundes Telles

U r b a n o T a v a r e s R o d r i g u e s



A AMBIGUIDADE E A IRONIA SÃO DUAS CONSTANTES da extensa e variada obra de Lygia Fagundes Telles.

A autora das *Histórias do Desencontro* e de *A Noite Escura mais eu é*, sempre em ascensão, uma virtuosa do diálogo e do monólogo íntimo, processos que de chofre nos colocam dentro das suas personagens. Estas abrem-se efectivamente, ou escondem-se, através de um discurso oral maciamente sensível e plástico, que amiúde infla de humor e outras vezes atinge a simplicidade da confissão de horrores. Linguagem coloquial, só na aparência de toda a gente, que é uma mescla da fala literária mais subtil e de diversos calões — familiar, mundano, infantil — nos quais tanto podem vibrar decepções, revoltas femininas, faltas de amor, como despertar subitamente os arroios ocultos da ternura.

Um desencanto conformado, digerido, passa como uma brisa sobre os eventos e sentimentos.

Fada do acontecer, vidente ao de leve melancólica e resignada, Lygia Fagundes Telles contempla hoje de muito perto e de muito alto ao mesmo tempo a vida que flui a todos os instantes nas cidades, nos «sítios», nas praças, nos

A voz de Lygia Fagundes Telles murmura, quase nunca se exalta, sofre de manso, acaba por sorrir de quase tudo.



corações do Brasil. A voz de Lygia Fagundes Telles murmura, quase nunca se exalta, sofre de manso, acaba por sorrir de quase tudo.

O livro que me revelou Lygia Fagundes Telles foi *Histórias do Desencontro*. Aí está já em germe o seu universo: um mostruário, mais interior que exterior, de vida em que se tocam, se repelem, se frustram, dita com a contenção dos maiores escritores, mormente dos contistas, a escolha do essencial e do lacunar, a importância do subtexto, as grandes obsessões da autora — a morte, a outra possível dimensão dos seres, o amor em fuga ou as tentações e traições e euforias envinagradas. E, por dentro da infinita delicadeza e da ironia de Lygia Fagundes Telles, o seu manancial de generosidade envergonhada.

Durante anos, visitando frequentemente S. Paulo, terra de exílio do meu irmão Miguel, convivi muito com a Lygia e fui lendo todos os seus livros, de *Ciranda de Pedra* a *Horas Nuas*, quer dizer, da iluminação da adolescência, entre romântica e advertida, mas cheia de prodígios, a acidulada revisão da existência que se faz ao caírem todas as máscaras num cenário de cínica amargura. No apogeu dos anos sessenta e das mais acesas esperanças revolucionárias que então agitaram o mundo e o perfumaram de ideal e de juventude, Lygia Fagundes Telles publicou *As Meninas*, em sintonia com esse ardor de participação e com as lutas que no Brasil se travaram (e fracassaram) contra a ditadura. Era um romance circunstancial, fruto de uma sincera adesão à liberdade e à aposta no futuro dos homens, mas tão exigente esteticamente como as demais produções de Lygia e onde o fervor e a ironia, a observação aguda da classe média, eivada de lucidez e desencanto, colaboravam num mosaico de contradições onde se apurava a riqueza do texto.

A Disciplina do Amor consiste em fragmentos de uma inteligência muito fina dos sentimentos e dos sentidos, do vivido e do sonhado.

Do romance tão pessoal de Lygia que é *Verão no Aquário*, à variedade de *O Jardim Selvagem*, de *Antes do Baile Verde* e *Seminário dos Ratos*, a seiva de uma vida secreta flui por páginas de surpresa, de reconhecimento, de segredo caseiro, de pacto risonho e triste conosco e com os animais domésticos. As ervas, a chuva, todas as expressões da delicadeza e horror de uma apreensão infinitamente sábia e magoada do quotidiano e dos seus prodígios.

Mas tornemos ao seu último e deslumbrante livro: *A Noite Escura mais eu*. A noite escura é a morte. Quem a pressente e a governa no seu livro (ou por ela se deixa governar) e a sofre, sorrindo, em cada linha é Lygia, a sibila, a super-narradora, habilíssima feiticeira da palavra, que se desdobra em múltiplas narradoras, atribuindo a cada uma delas uma voz adequada, consoante a idade o estatuto social e cultural.

Nem sempre se fala da morte factual, total, do derradeiro sopro. Há formas de morrer em vida, ou de viver morrendo e de necrose dos sentimentos a que Lygia Fagundes Telles é muito sensível. E há sobretudo esse constante regresso ao passado e especialmente à infância que é pecha dos que estão na primeira linha para o grande salto. Mas, ao mesmo tempo, a vida estua por vezes, acende-se, quase esbraseia por um instante: é tão-só o sobressalto fugaz que confirma a melancolia e a serenidade.

Livro de dores aceites e brandas palavras, de mistérios vagamente penetrados, de segredos (que belo segredo entre a menina curiosa e a prostituta gasta, talvez rameira do pai dela!).

Talvez é o advérbio mais forte de todo o macro-texto; carregado como sempre de ambiguidades e onde dois ou mais percursos de sentido ficam geralmente em aberto. O homem de elegante casco puído e calças cor de chumbo, Julius Fuller, que vem (por acaso?, por concessão do destino?) acompanhar o último ano de vida de Maria Leonor e fechar-lhe docemente, ritual-

Lygia Fagundes Telles contempla hoje de muito perto e de muito alto ao mesmo tempo a vida que flui a todos os instantes nas cidades, nos «sítios», nas praças, nos corações do Brasil. Rio de Janeiro: São Cristóvão com a favela da Rocinha ao fundo. Fotografia de Rui Pereira.



mente, os olhos, será uma espécie de anjo humano? será um manso aventureiro? Que lhe traz nessas semanas derradeiras de vida: amor? eutanásia? A morte em dois copos de vinho.

A economia narrativa e estilística de Lygia Fagundes Telles está a atingir o cimo. Tudo é perfeito nestes contos. A começar pela maravilhosa história, tão meiga e perversa, em que nunca se diz que Adelaide Gurgel matou Dolly nem como nem porquê, deixando ao leitor ou à leitora confundida e fascinada, todas as suposições ou certezas possíveis, porque cada qual se projecta na narrativa, isto é, diferentemente a lê, a reconstrói. Inveja? despeito? vontade de vencer ela própria o mirífico concurso? revolta contra a beleza, a sorte, o desprante daquela jovem que, adulando-a, não cessa de humilhar?

As duas idas de Ade à casa de encanto, antes e depois do crime (inútil), banham na mesma atmosfera de sonho dourado, a tal ponto precisa e absurda (tanto pormenor na conversa de telenovela e a pequena maldade, tão mimosa) que parece um breviário de frivolidade. E, afinal, eis a morte, que os dedos de Lygia seguram por fios invisíveis.

A ironia, de facto, está tanto nas situações como tecido verbal, carregada de antinomias, diminutivos e superlativos semânticos, eufemismos, elisões. O não dito é, como tantas vezes sucede na obra de Lygia Fagundes Telles, e muito particularmente nos contos de *Mistérios* e de *Antes do Baile Verde*, o mais importante, a jóia escondida destas construções ficcionais, que são um desafio, e uma proeza, a de fazer sempre melhor no plano da comunicação, do jogo, da sábia arte de magias que é para ela a literatura.

Lygia parece desdenhar da retórica nestes textos falados em que tudo ou quase tudo passa pela mente e pelo corpo, pela voz de um eu (são muito raras as fábulas de narrador heterodregético e mesmo nessas, como «Boa Noite Maria», por exemplo, em *A Noite Escura*, a terceira pessoa é como um *eu* mais disfarçado), Lygia tem por vezes metáforas belíssimas, tal como aquela com que termina «A Rosa Verde», de *A Noite Escura*: «*Afunde a mão no capim quente e fiquei alisando as costas da terra*». Como se a autora nos desse assim o sentimento telúrico fortíssimo da menina perversa que ama os insectos e, na sua angélica maldade, os queima, os empola e destrói. Sempre a morte.

No já referido primeiro conto de *A Noite Escura*, que se chama «Dolly», aparece em dado momento, na boca de uma personagem, Adelaide, outra metáfora original, numa frase aliás cheia de conotações poéticas: «*Aqui estou no bonde Angélica que corre contra a noite e contra a tempestade que tomou outro rumo com as suas botas de nuvens...*». Mas logo a autora sente a necessidade de apagar o menos natural daquele enunciado, reforçando a oralidade. E assim logo acrescenta: «*...vou escrever isso no meu diário, a tempestade usa botas*». A circunstância de a personagem ter um diário e querer ser escritora também concorre para o facto de a narradora se ter permitido uma literariedade mais visível.

«O Anão de Pedra» é outra fábula de morte, que rompe, na estrutura de superfície, as convenções realistas, construindo no entanto um universo humano de nostalgia e dor, com marcas de classe, que, não obstante, reproduz simbolicamente a realidade.

Eclética nos seus processos de enunciação, Lygia Fagundes Telles amiúde toma sujeitos das suas narrativas os gatos e cães da sua predilecção, outros bichos e até objectos. Todo o universo que a rodeia se anima em gestos e atitudes confessionais e críticas, como esta estátua familiar dos pátios e jardins brasileiros, que deplora, quando a destroem, a morte da tradição, ou seja, da corrente de olhares, aprovações, carinhos, querelas, vida em flor ou em ferida de que foi testemunha ou patrono.

História chocante, aveludadamente violenta é em *A Noite Escura*, «Papoilas de Feltro Negro», um conto estranhíssimo que nos mostra uma personagem, a narradora, professora de piano, ex-pianista, mergulhando no mal-estar da sua infância, tal como se vê nesse outrora e como a velha mestra, supostamente sua inimiga, a viu então. Mais uma vez um jogo de espelhos ambíguo e implacável.

Nestes seus últimos contos Lygia dissolve o bem e o mal mais do que alguma vez fizera,

embora essa ambiguidade sempre se rastreie na sua obra.

No seu tão familiar e ao mesmo tempo patético conto «A Rosa Verde», onde vão falecendo a mãe (de parto), o pai, a galinha Chica (o tio Júnior «viaja»), como que ressoam os apelos da mãe e da morte, da tumba, da morte-nascimento, pelo meio dos jogos inocentes e infernais da pequena anunciadora que, com a sua lupa, tal como já disse, visita os mosquitos, as formigas, as aranhas, o delírio do mundo, o concerto da natureza, e lança esses monstros no braseiro, ou os queima com cera a ferver, e espeta borboletas com alfinetes, enterra minhocas vivas, e grita: «*sou órfã!*»

Os anjos de Lygia são demónios, os demónios são anjos.

Vladimir Jankélévitch, no seu famoso ensaio *L'Ironie ou la Bonne Conscience*, afirma: «*Exprimir para velar, mas também velar para melhor sugerir; escrever para não ser totalmente compreendido, mas afinal criar uma incompreensão para converter os outros ao que se julga ser a verdade: eis a invisível visibilidade, a transparente opacidade da máscara irónica, a interiorização exteriorizante que é, ao mesmo tempo, exteriorização interiorizante...*» (Vladimir Jankélévitch, *L'Ironie ou la Bonne Conscience*, Paris, P.U.F., 1950, p. 52).

A ironia de Lygia Fagundes Telles, que tem quase sempre matizes afectivos, busca o consenso entre o narrador e o leitor e, mais do que uma verdade, procura a verdade de cada um. Dá-nos sem dúvida uma perspectiva crítica da realidade, mas como uma espectadora, às vezes condoída, às vezes condescendente e sempre com um errático sabor a ternura mesmo na apresentação da vida em chaga, ou melhor, nas chagas que se dissimulam.

Lygia não é uma educadora, é uma céptica carregada de amor, e uma sacerdotisa da literatura, que só admite para si mesma, para o seu trabalho, a perfeição.